

## Introdução

# A Arca de Pessoa – 70 anos

O ponto de partida destes novos ensaios pessoanos foi o desejo de comemorar os setenta anos da morte de Fernando Pessoa. Este ponto de partida pode parecer um pouco curioso, tendo em conta que o poeta já está consagrado dentro do cânon da literatura mundial e que o mais comum teria sido a celebração de uma «data mais redonda», como, por exemplo, os cem anos do nascimento ou da morte. Os setenta anos da morte de um grande artista não representam, em geral, um acontecimento nacional ou internacional muito destacado. Contudo, se alguém quer falar sobre um escritor ilustre, como Pessoa, tudo é diferente, pois, entre outros motivos, a partir de agora ninguém detém os direitos de publicação da sua obra.

O motivo principal, portanto, para celebrar Pessoa em 2005 depreendeu-se do facto de a sua obra ter caído definitivamente no domínio público. Neste contexto, a referência à mítica arca tem um valor duplo: por um lado, lembra os originais ali depositados — hoje conservados na Biblioteca Nacional, a maior parte dos quais continua inédita — e, por outro, serve de convite para que outros investigadores explorem esses escritos agora que qualquer «pessoa» pode publicar «Pessoa» (uma redundância muito a propósito). Por outras palavras, a partir de 2005 é de esperar uma maior liberdade na publicação dos escritos pessoanos e um número mais elevado de edições dentro e fora de Portugal. Estas edições beneficiarão dos trabalhos já realizados (pela Ática, pela Assírio & Alvim e pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda), mas também de investigadores que dedicam o seu tempo a decifrar novos documentos. A publicação independente dos escritos pessoanos deve ser encarada como um acontecimento positivo, especialmente sob o ponto

de vista da circulação livre das informações e dos conhecimentos. Mas esta nova liberdade editorial é também um desafio pela simples razão de que Fernando Pessoa não deixou para a posterioridade uma ou várias «obras», mas sim milhares de fragmentos, planos, esboços ou projectos.

Para ilustrar brevemente o desafio e também o perigo possível da liberdade editorial podíamos chamar a atenção para um autor alemão com quem Fernando Pessoa teve algumas semelhanças marcantes. Em 1901 saiu na Alemanha um livro com o título *Der Wille zur Macht (A Vontade de Poder)* que foi declarado como a obra principal do filósofo Friedrich Nietzsche. Este livro é uma compilação de aforismos (ou trechos) e dele saíram até hoje inúmeras edições, as quais variaram ao longo do tempo entre 483 e 1067 aforismos. O impacto social e cultural deste livro foi desde o princípio enorme, tornando-se, infelizmente, em vários aspectos, referência para a propaganda do fascismo alemão. Curiosamente, demorou bastante tempo até se perceber que o filósofo Nietzsche nunca escreveu durante a sua vida uma obra deste género, embora existam no seu espólio vários fragmentos, planos, esboços ou projectos para um tal livro. A organização e transcrição (manipulação e até falsificação) dos textos foram feitas sob a orientação da irmã do filósofo Elisabeth Förster-Nietzsche, que nunca escondeu as suas tendências anti-semitas, e que, para além disso, foi uma grande admiradora de Adolf Hitler. Pelo menos a partir da história deste livro, muitos leitores não familiarizados com as profundezas da filologia descobriram, sob uma grande desilusão, que muitas edições podem ser, para além de interpretações, também manipulações. Passavam mais de oitenta anos depois da morte de Nietzsche quando dois italianos, Giorgio Colli eazzino Montenari, começaram a libertar, a partir de uma edição crítica, o filósofo do seu estigma de profeta do nacional-socialismo.

Com este excursus não pretendemos avisar para a chegada de editores tendenciosos do género de Elisabeth Förster-Nietzsche, mas sim sublinhar a importância de encarar com seriedade a publicação dos inéditos que Fernando Pessoa deixou guardados na sua arca. Ao contrário de outros escritores, Pessoa é um autor que depois de setenta anos, e talvez ainda por outros setenta, continuará a ser notícia por causa dos seus inéditos, já que estes se contam por milhares. Este facto obriga a explorar as áreas até agora não divulgadas ou menos privilegiadas do seu espólio para publicar o

que falta, mas também a assumir uma postura crítica perante a tradição editorial e a não aceitar publicações tendenciosas ou pouco transparentes (por exemplo, aquelas que não informam da cota dos documentos ou das decisões editoriais).

É fácil, por exemplo, atendendo ao interesse pessoano pelo esoterismo, apresentar o poeta como um indivíduo absolutamente embrenhado nas ciências ocultas. Da mesma forma, é mais ou menos simples juntar textos capazes de demonstrarem um nacionalismo feroz em Pessoa, enquanto há, provavelmente, muito poucos poetas portugueses que sejam mais cosmopolitas do que este «sebastianista racional». São precisamente os célebres contrastes ou as aparentes contradições em Pessoa que oferecem múltiplas possibilidades a vários grupos para usarem a obra dele em benefício das próprias opções políticas, religiosas, éticas ou estéticas. Em Pessoa, cada um pode encontrar curiosamente a sua própria verdade. Mas isso não justifica qualquer tipo de apropriação. Pessoa foi sempre um grandioso áugure do múltiplo e nunca acreditou numa só verdade que estivesse separada da humanidade ou das necessidades humanas. Neste sentido, Pessoa teve sempre uma ideia perspectivada da verdade, e é exactamente aqui que reside a sua extraordinária modernidade. Ao contrário de outras situações civilizacionais, hoje em dia já não podemos dizer que exista só uma maneira de encarar o estado das coisas ou a realidade. Fernando Pessoa acolhe uma imensa pluralidade das normas ou das mundividências e no seu horizonte já não há «um deus» que, directa ou indirectamente, negue a existência de «outros deuses».

Estas diversas ópticas exigem continuamente novas formas de interpretação, explicação ou exegese. Assim, os escritos deste autor deixaram, já há algum tempo, de ser um assunto de estudo meramente literário. Trata-se de um fenómeno relativamente recente que cada vez mais pessoas ligadas a outras áreas científicas se sentem atraídas pela obra pessoana. Especialistas e estudiosos nas áreas das ciências políticas, da filosofia, da psicologia, da sociologia, da antropologia ou até da psiquiatria encontram hoje em Pessoa raciocínios que parecem extraordinariamente contemporâneos.

\*\*\*

Com a intenção de sublinhar especialmente a actualidade e a diversidade de Pessoa, estiveram presentes de 15 a 17 de Setem-

bro de 2005 na Universidade alemã de Leipzig vários estudiosos, escritores, editores e tradutores que se debruçaram sobre a obra do poeta desde diferentes perspectivas. O livro aqui apresentado é principalmente o resultado deste encontro, que suscitou debates vivos, às vezes polémicos, mas sempre atraentes e muito frequentados. O aparecimento simultâneo de novas contribuições e perguntas demonstrou mais uma vez o interesse crescente em Fernando Pessoa, assim como a necessidade de continuar a reforçar o campo dos estudos pessoanos.

\*~\*~\*

Os ensaios reunidos neste livro estão agrupados em seis áreas temáticas, «Cultura e sociedade», «História e biografia», «Filosofia e esoterismo», «Literatura e poética», «Desassossego e hermenêutica» e «Desafios editoriais».

*Cultura e sociedade.* (1) Eduardo Lourenço, cujos trabalhos o distinguem como o pessoano mais influente das últimas décadas, lança pistas para compreender por que razões surge a habitual identificação de Pessoa com Portugal e como a imagem de Pessoa tem vindo a sobrepor-se à de Portugal na mente de muitas pessoas, nomeadamente na dos estrangeiros. (2) Anna Klobucka ocupa-se do «movimento pendular de exposição e encobrimento» que detecta em alguns textos de Pessoa — que se articulam como «confidências autobiográficas» — e salienta vários e significativos pruridos e equívocos editoriais. (3) Kenneth Krabbenhoft apresenta os resultados de uma investigação que «desemboca numa hipótese única»: Fernando Pessoa ter-se-ia interessado pelas correntes mais novas da ciência e da filosofia de finais do século XIX e começos do século XX porque precisava delas para se explicar a si próprio. (4) Henry Thorau analisa alguns paralelos e diferenças entre Fernando Pessoa e Ludwig Staudenmaier. Este contemporâneo alemão de Pessoa orgulhou-se dos seus conhecimentos científicos, mas perdeu, ao contrário de Pessoa, completamente a sua lucidez quando foi confrontado com personificações que têm algumas semelhanças com os heterónimos pessoanos. (5) Vincenzo Russo reflecte sobre duas questões afins na obra pessoana, cultura e imperialismo, e sustenta que «a obra poética e crítica de Pessoa pode contribuir para a redefinição da moderna cartografia do imaginário imperial português».

*História e biografia.* (6) Arnaldo Saraiva informa sobre a época em que Pessoa se matriculou no Curso Superior de Letras na Universidade de Lisboa. Trata-se de um período decisivo, «se não para a afirmação da personalidade excepcional de Pessoa, que desde a primeira infância sempre de algum modo se fora evidenciando, pelo menos para a modelação ou definição completa da sua específica genialidade». (7) José Barreto debruça-se sobre a faceta racionalista, livre-pensadora, individualista e liberal de Fernando Pessoa, analisando a influência na sua formação intelectual de autores racionalistas, positivistas e evolucionistas — em particular dos anglo-saxónicos. (8) António Mega Ferreira, que publicou recentemente uma espécie de biografia profissional do poeta, na qual fala do que este estava a «fazer pela vida», aproveita a ocasião para descrever a «Cosmópolis», um projecto pessoano que na realidade é uma autêntica «arca de projectos». (9) Manuela Nogueira fala-nos de uma forma muito íntima a propósito dessa «espécie de andaime» — os afectos, as amizades e as curiosidades — onde o seu tio se teria firmado «para que os malefícios do génio não o derrubassem». (10) José Blanco apresenta um texto sobre a questão do prémio do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) atribuído à *Mensagem*, repondo a verdade dos factos — a verdade é que, na sua generalidade, os críticos pessoanos continuam ainda hoje a falar no «prémio de consolação» inventado por João Gaspar Simões, cuja interpretação (errada) passou a fazer parte do mito-Pessoa.

*Filosofia e esoterismo.* (11) Steffen Dix procura analisar o duplo sentido que se esconde na auto-interpretação de Pessoa através da qual o mesmo era «um poeta animado pela filosofia». Nesta análise, a filosofia e a poesia revelam-se como formas que expressam paralelamente uma certa admiração perante a existência do universo. (12) Ana Maria Binet apresenta a obra de Fernando Pessoa como uma galáxia de «esoterismos» e conclui que, «animado pela convicção de que o seu destino era regido por forças ocultas, Fernando Pessoa percorreu esta via unindo intimamente progressão espiritual e criação literária». (13) Luigi Orloff lembra que para o Fausto pessoano «tudo é symbolo e analogia» e propõe que, perante esse abismo, o ortónimo nos ofereça dois caminhos diferentes: a poesia e o esoterismo.

*Literatura e poética.* (14) Onésimo T. Almeida, o mais destacado crítico da *Mensagem*, retoma a sua proposta de interpretar o poema

como mito *à la* Georges Sorel, actualizando alguns pormenores de carácter histórico e biobibliográfico, comentando as publicações mais recentes («a interminável torrente do espólio») que o fizeram visitar o texto e a sua interpretação. (15) Rita Patrício salienta uma frase atribuída a António Mora, «Da Grécia antiga vê-se o mundo inteiro», e toma-a como ponto de partida para a seguinte questão: segundo Pessoa, como se pode avaliar o que é novo em arte? (16) Carla Gago estuda a produção pessoana como uma escrita que flutua entre um ideal estético ligado a uma totalidade orgânica, no sentido de uma concepção idealista, e a pulsão do contingente, que é mais forte; também a estuda como uma escrita de interstícios. (17) Pauly Ellen Bothe reflecte sobre o ritmo na poesia de Fernando Pessoa, procurando elucidar a maneira como foram executados alguns poemas e demonstrar que para o poeta dos heterónimos a métrica foi essencial, mesmo quando optava pelo verso livre (Caeiro e Campos). (18) Werner Thielemann homenageia Georg Rudolf Lind, enquanto pioneiro nos estudos pessoanos, cujas traduções tiveram um papel inicial na divulgação da obra pessoana nos países de língua alemã.

*Desassossego e hermenêutica.* (19) Maria Teresa Fragata Correia compara a diarística em Fernando Pessoa e em Henri Frédéric Amiel — o diário de Amiel é uma das fontes mais imprescindíveis para reler o *Livro do Desassossego* — e aproxima as suas escritas introspectivas. (20) Richard Zenith, num ensaio significativamente intitulado «O barbeiro, a costureira, o moço de fretes e o gato», demonstra que Pessoa, embora orgulhoso das suas faculdades intelectuais, nutria um grande afecto pelos homens vulgares, que pouco ou nada entendiam da poesia e muito menos de Kant ou de Hegel, e tenta explicar o porquê. (21) Georges Güntert analisa algumas «estratégias de persuasão» no *Livro do Desassossego* e observa, por exemplo, como a importância do plano figurativo compensa a falta de acontecimentos dignos de serem narrados nos múltiplos trechos. (22) Victor Mendes propõe um modelo singular para interpretar Pessoa a partir de uma carta ficcional, a de Maria José ao serralheiro António, procurando investigar até que ponto esse modelo analítico contradiz a tradição hermenêutica.

*Desafios editoriais.* (23) Jerónimo Pizarro reconta brevemente a história de uma investigação que abrangeu o espólio todo e que se concretizou na forma de um livro, *Escritos sobre Génio e Loucura*,

sustentando que o editor deve trabalhar com o que ficou das obras projectadas, e não tentar imaginar o que poderiam ter sido idealmente, rasurando o carácter fragmentário da produção pessoana. (24) João Dionísio reflecte sobre o modo como o direito de autor ajuda a compreender a edição dos textos pessoanos; depois de lembrar que «a defesa da genuinidade e integridade das obras caídas no domínio público compete ao Estado», discute esses dois conceitos-chave, genuinidade e integridade, no caso da publicação dos escritos pessoanos, a maioria dos quais ficou inédita em 1935.

Não há dúvidas de que estes artigos apenas abrangem algumas facetas de Pessoa; todavia, eles provam mais uma vez a vivacidade da sua obra.

\*\*\*

O encontro pessoano na Universidade de Leipzig e este livro não teriam sido possíveis sem a colaboração e a ajuda de várias pessoas. Gostaríamos de agradecer especialmente a Adelaide Galhano, Christine Hundt, Eberhard Gärtner e Manuel Villaverde Cabral. Também foram decisivos os generosos apoios da Fundação Calouste Gulbenkian, do Instituto Camões, da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e do Deutsche Forschungsgemeinschaft (DFG), que permitiram subsidiar a viagem de alguns participantes a Leipzig e a publicação deste volume.

\*\*\*

Esperamos que estes ensaios possam contribuir para aumentar o interesse, a leitura e o estudo dessa figura fascinante que se chamou Fernando Pessoa, e não só...

STEFFEN DIX E JERÓNIMO PIZARRO  
Outono de 2006